

## Seção Pesquisas

### **MEMÓRIAS, NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS DE VIDA DOS MORADORES DE SÃO RAFAEL – RN (PRIMEIROS APONTAMENTOS)**

### **MEMORIES, STORIES AND LIFE HISTORIES OF THE RESIDENTS OF SÃO RAFAEL-RN (FIRST ESSAY)**

Francisco das Chagas Silva Souza<sup>73</sup>

#### **INTRODUÇÃO**

Este texto apresenta e discute um projeto de pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação, na UFRN, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria da Conceição Xavier de Almeida. A pesquisa está no estágio inicial e será submetida às alterações que forem sugeridas pela orientadora, pelas discussões no interior da base de estudos da qual faço parte – o Grupo de Estudos de Complexidade (GRECOM) –, como também pelas contingências que venham a exigir redefinições ou interrupções, pois, infelizmente, como qualquer atividade humana, uma pesquisa também não está imune ao imprevisível, às discontinuidades e aos eventos.

Consciente dos meus limites e de outros que porventura venham a surgir, apresento um projeto que não pretende estar concluso mesmo depois da sua redação final. Talvez por um hábito do meu ofício de historiador, começarei este artigo com uma contextualização histórica e, em seguida, discutirei o objeto da pesquisa, as minhas inquietações quanto à temática, às trajetórias que sigo e o método que usarei para trilhar em busca do conhecimento.

---

<sup>73</sup> Doutorando em Educação (UFRN) e pesquisador do Grupo de Estudos de Complexidade – GRECOM. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus de Mossoró. E-mail: franciscosouza@ifrn.br

## 1. UMA ATLÂNTIDA NO SERTÃO POTIGUAR

As décadas de 70 e 80 do século XX marcaram as vidas de um grande número de famílias que habitavam o semiárido do Rio Grande do Norte. Finalmente, depois de muitos estudos e especulações, o Governo brasileiro, em 1975, resolveu executar o Projeto Baixo-Açu e construir a barragem Eng<sup>o</sup> Armando Ribeiro Gonçalves, a qual, com uma capacidade de 2,4 bilhões de metros cúbicos de água, seria a maior do Nordeste. O projeto atingiria áreas dos municípios de Jucurutu, Açu, Santana dos Matos, Ipanguaçu e São Rafael.

O Projeto Baixo-Açu<sup>74</sup>, como outros criados na época, fazia parte de uma política de construções de obras faraônicas posta em prática pelos governos militares durante o “milagre econômico”. Algumas barragens, como a de Sobradinho, construída no rio São Francisco, visavam gerar eletricidade para as indústrias; outras, como a que seria edificada no Rio Grande do Norte, faziam parte da antiga política das águas e visavam “acabar com o atraso” do Nordeste através do armazenamento desse líquido.

A princípio, contrariamente ao que propunha, a novidade sobre a construção da barragem no Vale do Açu não trouxe tranquilidade e esperanças para a região, porém ansiedades, dúvidas e insatisfações em todos os segmentos da sociedade: a população pobre não sabia o que fazer nem para onde ir, enquanto os proprietários de terras temiam ser prejudicados pela reforma agrária que o projeto prometia.

O município de São Rafael, com uma área de 443 km<sup>2</sup> e uma população em torno de 7 mil habitantes, a maior parte destes na zona rural, recebeu o maior ônus da “chegada do desenvolvimento”: seria totalmente coberto pelas águas da barragem. Todavia, dizia-se que o sacrifício seria compensado através da construção, pelo DNOCS, de uma cidade nova “dentro dos mais rigorosos critérios de conforto e urbanismo”. Quem preferisse, poderia migrar

---

74 Sobre o Projeto Baixo-Açu e os seus efeitos para o município de São Rafael, baseei-me nos estudos de ARQUEOLOGIA POTIGUAR (2007), BONETI (2003), CARVALHO (1999), COSTA (1998), FERNANDES (1992), GOMES DA SILVA (1992), VALENCIO (1995), VARGAS (1987a, 1987b 1991).

para um projeto de reforma agrária na Serra do Mel. (VARGAS, 1991, p.170-171)

A imprensa alardeava as *vantagens* do projeto para a população de São Rafael. A revista *Veja*, em abril de 1983, informava que a nova cidade foi edificada num “*local ideal para os habitantes contemplarem, nos próximos dias, a lenta inundação de sua velha cidade, fundada há um século.*” Destacava que o DNOCS *premiou* os migrantes com “*atrativos inéditos*”: viveriam na única cidade brasileira com todas as ruas pavimentadas e todas as casas de alvenaria com energia elétrica, água encanada e esgoto. Além disso, a população ganharia do DNOCS um “*brinde especial*”: a nova igreja seria uma réplica perfeita da antiga e “*até os quadros ficarão nos mesmos lugares.*” (*apud* CARVALHO, 1999, p.22-23. Grifo meu)

Na mesma época, o *Diário de Natal* também ressaltou os cuidados que o Governo teve com a população da nova cidade: “*Da igreja às residências, até o cemitério público, tudo foi executado com muito carinho e dedicação a fim de que a população não se sentisse marginalizada.*” (*apud* VARGAS, 1991, p.478. Grifo meu)

Também a poesia popular foi usada como meio de divulgação dos “*ganhos*” do projeto. O poeta *Traíra* assim se manifestou: *Vejo São Rafael, melhor tratada/ Mais feliz, com futuro bem mais forte/ Para ela desejo feliz sorte/ Numa bela cidade transformada/ Mais moderna, melhor edificada/ Com a beleza da nova arquitetura/ Pois a água irrigando a terra dura/ Vai atingir até Jucurutu/ Quando a água cobrir o Baixo-Açu/ Vai nascer um novo tempo de fartura.* (*apud* VARGAS, 1991, p.246)

Contudo, não havia tranquilidade em São Rafael. Apesar das promessas de uma vida melhor e de sonhos que seriam realizados, a insegurança, com relação ao futuro, predominava. Diante da notícia de que terras férteis, minas de xelita e de mármore, carnaubais e trechos do rio Piranhas-Assu desapareceriam, que destino esperava aquela população? Como viveriam sem a agricultura de vazante depois de passado o “*inverno*”? Que segurança teriam

de que a barragem não romperia? As promessas do governo mereciam crédito? Para onde aquelas famílias iriam? Onde e como seria a nova cidade?

O êxodo daquela população não tinha a mínima possibilidade de retorno. Nas palavras do personagem Zaqueu, do filme *Narradores de Javé*<sup>75</sup>, “era como estar se revirando vivo dentro da própria sepultura.” Diante de tantas dúvidas e incertezas, os moradores de São Rafael estavam divididos. A maior parte pensava ser o fim dos tempos. *Mas será que não era o fim de um tempo e o começo de outro?*

Se alguns poetas populares apoiavam e acreditavam no projeto e nos benefícios que ele iria proporcionar (ou foram usados para tanto), outros cantavam os lamentos de um tempo que chegava ao fim e as desesperanças num outro que iniciava. É o caso de Rafael Arcanjo da Costa<sup>76</sup>. Nas suas poesias, algumas autobiográficas, ele expressou os sentimentos, os lamentos, as mudanças e as dificuldades de adaptação na nova cidade, a ausência do rio, dos roçados e da vegetação nativa. As palavras do poeta lembram os discursos dos pescadores da Lagoa do Piató, em Açú, em um trabalho de Almeida e Pereira (2006). Era o fim de um tempo bom, de farturas, e o início de outro, de pobreza, escassez e sofrimento.

Passados 25 anos, a antiga São Rafael é hoje uma cidade invisível, parecida com aquelas descritas por Ítalo Calvino (1990). Ela já não existe mais como espaço construído, e sim, enquanto memória dos seus antigos moradores, hoje instalados numa outra São Rafael, a 4 km de distância. Entretanto, apesar de ser um ponto perdido no meio de bilhões de metros cúbicos de água, a velha São Rafael insiste em dar o “ar de sua graça”. A torre da sua antiga igreja permanece visível, resistente.

---

75 *Narradores de Javé* é uma produção do cinema nacional, em 2003. Sob a direção de Eliane Caffé, o filme trata da saga dos moradores de uma cidade que está na iminência de ser coberta pelas águas de uma barragem.

76 Rafael Arcanjo da Costa (1912-1992) era poeta, cantador de coco e curador, uma das habilidades da medicina popular. Na obra *Beiradeiros do Baixo-Açú: canto e lamento de Rafael Arcanjo da Costa* (1987), VARGAS faz um apanhado das leituras do mundo feitas por esse homem. Foi um dos “intelectuais da tradição”, termo usado por ALMEIDA e PEREIRA (2007) para designar os artistas do pensamento, aqueles homens e mulheres que não frequentaram os bancos escolares, mas que desenvolveram a arte de ouvir e ler a natureza à sua volta.

As condições atuais da nova São Rafael – uma cidade que nasceu em nome de uma política pública de modernização – mostram que a história humana é uma aventura desconhecida, “uma sucessão de bifurcações”, como diz Prigogine (2001, p.14). A experiência que marcou as vidas daquelas pessoas deixa claro que o futuro permanece aberto e imprevisível, e que o progresso, mesmo que seja possível, é incerto. Suas histórias de vida tornam evidente o fato de que *o futuro não é um dado. Ele se chama incerteza.*

Portanto, se uma São Rafael foi destruída, a sua reconstrução guardará a marca de sua continuidade nas histórias de vida, nas lembranças, nos sentimentos, nos desejos e nas projeções de futuro de seus moradores. Como afirma Prigogine (2009, p.11), “as decisões humanas dependem das lembranças do passado e das expectativas de futuro.” A nova cidade não será nunca a substituição da antiga, mas o acréscimo. As memórias do passado cimentam a construção de uma cidade nova, produto da continuidade, da tradição, da esperança, da imaginação. É um espaço que se povoa de valores, costumes, afinidades, sentimentos.

É no encontro com seu passado que um grupo humano encontra a energia para enfrentar seu presente e preparar seu futuro. A busca de um futuro melhor deve ser complementar, não antagônica, ao reencontro com o passado. “Todo ser humano, toda coletividade deve irrigar sua vida pela circulação incessante entre o passado, no qual reafirma a identidade ao restabelecer o elo com os ascendentes, o presente, quando afirma suas necessidades, e o futuro, nos projeta aspirações e esforços.” (MORIN, 2006b, p.77)

É digno ressaltar que lembrar não deve ser confundido com reviver, pois, quando lembramos, estamos também refazendo, reconstruindo, ressignificando, repensando com ideias de hoje as experiências do passado. As lembranças, além de oferecerem uma descrição dos eventos vividos, trazem também em seu interior uma análise desses acontecimentos. Rememorar, na perspectiva de Walter Benjamin (1994), é partir de indagações presentes para trazer o passado vivido como opção de buscas em relação aos

rumos a serem construídos no presente e no futuro. Não se trata apenas de não esquecer o passado, mas de agir sobre o presente.

Partindo desses pressupostos, algumas indagações merecem uma reflexão mais acurada: *como os moradores da antiga São Rafael rememoram o episódio que mudou as suas vidas há mais de duas décadas? Como representam o passado e como percebem sua situação presente? Quais as estratégias usadas pela sociedade para sua autoeco-organização depois do trauma vivido? Diante do que foram submetidos, o que na sua memória foi alterado, esquecido, ressaltado ou ressignificado?*

Morin (2006b, p.21-22) lembra a seletividade da memória e a importância da rememoração: “A memória, não-regenerada pela memorização, tende a degradar-se, mas cada rememoração pode embelezá-la ou desfigurá-la.” A preservação da memória tem, portanto, relação direta com a educação de um povo, com a sua leitura do mundo, com a construção de um novo conhecimento. Todo conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera o outro que também já foi novo e que agora se faz velho. Amanhã, esse novo conhecimento será ultrapassado por um outro. *Em São Rafael, uma nova ordem surgiu a partir da desordem, do caos.*

Um estudo sobre os efeitos da construção da “barragem de Açú”, a partir das histórias de vida dos antigos moradores de uma cidade que ora encontra-se submersa, contribuirá não apenas para demonstrar a multidimensionalidade do mundo e as indeterminações da história. No caso de São Rafael, há uma necessidade de mais estudos sobre o fato que marcou a vida de milhares de pessoas, as violências que sofreram, as resistências e a auto-organização depois do fato. Salvo um projeto desenvolvido na UFRN, sob a coordenação de Carvalho e de algumas referências feitas a essa cidade nos estudos de VARGAS (1987a, 1987b, 1991) e BONETI (2003), não há uma investigação mais aprofundada sobre a vida cotidiana daquelas pessoas, suas falas, experiências, dúvidas, intimidades, medos, expectativas, mudanças de espaços e de rotinas. Como diz Morin (2006b, p.58), todo ser constitui ele

próprio um cosmo, traz em si multiplicidades interiores, galáxias de sonhos e de fantasmas, impulsos de desejos e amores insatisfeitos, desgraças, ódios, desregramentos, lucidez, demências.

O Projeto Baixo-Açu e os seus efeitos foram discutidos principalmente por estudiosos da Sociologia e da Economia, muitos destes ligados à área rural. Alguns desses trabalhos são *pesquisas introdutórias*, geralmente monografias de conclusão de cursos de graduação. Em geral, procuram compreender os impactos que o Projeto trouxe para a estrutura fundiária, o mercado de terras, as relações de trabalho, a modernização produtiva, as condições de vida da população residente naquela área, dentre outros aspectos. Na maioria dos casos, são *pesquisas quantitativas* e que usaram principalmente, como recurso metodológico, dados primários – extraídos de pesquisa de campo e cartoriais – e secundários, obtidos através do DNOCS, IBGE e INCRA. Mesmo algumas pesquisas que ouviram os sujeitos, preferiram apresentar em números, dispostos em gráficos e tabelas, o que foi apreendido através dos seus discursos.

Não tenho a ilusão de querer preencher as lacunas deixadas pelas pesquisas sobre o município de São Rafael, haja vista a consciência da parcialidade, da incompletude e de efemeridade do conhecimento. Por não acreditar numa leitura perfeita do real e não me contentar com as informações que estão disponíveis, pretendo construir, através das narrativas e das histórias de vida de moradores da antiga São Rafael, um caleidoscópio de imagens e versões sobre as suas vidas à época da destruição da sua cidade e da instalação numa outra. Planejo ouvir das próprias pessoas, o que elas pensam sobre si mesmas, quais as suas trajetórias de vida, que perspectiva têm do futuro. Dessa forma, considerando que o conhecimento é manipulação cognitiva, procuro perceber, nas falas dos são-rafaelenses, como o conhecimento sobre as suas vidas é construído por aquela população, não apenas por aqueles que tiveram acesso à educação formal, mas também pelos “intelectuais da tradição”, pelas pessoas que viveram longe dos bancos escolares.

Como afirma Bosi (2003, p.15), acreditamos que “a história que se apoia unicamente em documentos oficiais não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios.” Daí a necessidade de dialogar com várias compreensões sobre um mesmo fato, de por em xeque as certezas, de procurar o que existe de complemento nas interpretações contrárias, de procurar o dissonante ao invés do padrão, de ouvir as histórias por outras vozes além daquelas dos jornais e da interpretações acadêmicas.

Trata-se de um encontro entre ciência e saberes ditos populares, da tradição, uma necessidade urgente e inadiável na contemporaneidade. A pesquisa pretende extrapolar os limites estabelecidos pela ciência cartesiana e investigar outros sistemas de conhecimentos, estes criados no dia-a-dia, nas lutas cotidianas, no enfrentamento das situações adversas e inesperadas. Mesmo que esses conhecimentos compreendam os fenômenos de forma diferente, eles precisam dialogar e procurar os campos de vizinhança.

Ouvirei as “verdades” transmitidas pelos entrevistados e tecerei uma história que foi calada, obliterada, uma história feita de muitas histórias. As palavras de Estés ilustram essa intenção: “A primeira história quase sempre evoca outra, que chama uma outra, até que a resposta à pergunta se estenda por diversas histórias. Considera-se que uma sequência de histórias proporciona um *insight* mais amplo e mais profundo do que uma história única.” (1998, p.7)

Portanto, não ambiciono dar um veredicto final sobre o caso de São Rafael, pois acredito que são tênues os limites entre o falso e o verdadeiro, entre o real e o imaginado. Como assevera Almeida (2004, p.02), “[...] tudo o que é dito, é dito por um sujeito-observador que compreende o mundo do lugar que ele ocupa, da maneira como ele percebe, das informações que ele julga pertinentes.”

## 2. TECENDO TRAJETÓRIAS



Refletir sobre as vidas, as representações e as perspectivas de futuro de moradores de uma cidade que existe apenas na memória equivale revolver sentimentos, discursos, lembranças, silêncios. Essa reflexão possibilita a transgressão de verdades, o rompimento com antigos modelos analíticos e a abertura para um novo paradigma que pensa a ciência como uma atividade cercada de incertezas e indeterminações, desvenda os nexos existentes entre o fenômeno que desejamos compreender e o seu ambiente maior, religa saberes, retoma estilos narrativos vistos como “não-científicos”, valoriza saberes da tradição. Essa tarefa requer a emergência de uma ciência “híbrida em seus pertencimentos” e “polifônica no diálogo”, como salienta Almeida (2003, p.35).

Evidente que essa perspectiva de ciência entra em choque com aquela estabelecida pela ciência moderna, a qual acredita que através de um rigoroso método científico pautado na objetividade e na neutralidade poderemos chegar à verdade. Isso explica o porquê de muitos pesquisadores até há pouco tempo usarem basicamente os documentos escritos: a seu ver, os relatos orais e as memórias não lhes davam a segurança dos documentos oficiais.

Desse desmonte constrói-se um novo paradigma, o da *complexidade*, o qual advoga a *incompletude*, a *inacababilidade*, a *incerteza* e a *parcialidade* de todo conhecimento. As palavras de Morin resumem a atual conjuntura: “a maior contribuição do conhecimento do século XX foi o conhecimento dos limites do conhecimento. A maior certeza que nos foi dada é a da indestrutibilidade das incertezas, não somente na ação, mas também no conhecimento.” (2006a, p.55)

Essa nova postura reivindica um autoconhecimento da ciência, haja vista que este saber não controla sua própria estrutura de pensamento. O conhecimento científico não se conhece: “Essa ciência que desenvolveu metodologias tão surpreendentes e hábeis para apreender todos os objetos a ela externos, não dispõe de nenhum método para se conhecer e se pensar.” (MORIN, 2005b, p.20) Para ele, “[...] é preciso desinsularizar o conceito de ciência. Ele só precisa ser peninsularizado, isto é, efetivamente, a ciência é

uma península do continente cultural e no continente social. Por isso, é preciso estabelecer uma comunicação bem maior entre ciência e arte, é preciso acabar com esse desprezo mútuo.” (2005b, p.59)

O *despertar epistemológico* pelo qual passam as Humanidades tem tornado comum falar em *invenção*. Particularmente na história, conforme Albuquerque Júnior (2007, p.20-21), o uso desse termo remete para uma abordagem que ressalta a descontinuidade, a ruptura, a diferença, a singularidade, além de se afirmar o caráter subjetivo da produção do conhecimento. Ou seja, a história passa a se questionar como discurso. Os objetos e sujeitos se desnaturalizam e passam a ser pensados como fabricação histórica, como fruto de práticas discursivas ou não, que os instituem, recortam-nos, nomeiam-nos, classificam-nos.

Para Certeau, a crítica ao “cientificismo” anuncia, assim, o “tempo da desconfiança”, no qual os fatos históricos “enunciam, na linguagem da análise ‘escolhas que lhes são anteriores, que não resultam, pois, da observação – e que não são nem mesmo ‘verificáveis’, mas apenas ‘falsificáveis’ graças a um exame crítico.” Dessa maneira, não se pode falar de uma *verdade*, mas de *verdades*.

Seguindo essa linha de raciocínio, Paul Veyne (2008) considera a história como uma *narrativa verídica de eventos*. Como “a história é anedótica. Ela interessa porque narra, assim como o romance.” (p.23), Veyne atribui ao historiador a função de *compreender a intriga*, pois não há uma grande distinção entre a explicação histórica e o gênero de explicação que se pratica na vida de todos os dias ou em qualquer romance onde se conte essa vida.

As novas abordagens no campo das humanidades apontam para a presença da descontinuidade desses conhecimentos<sup>77</sup>. Fortemente influenciado por esses trabalhos, Albuquerque Jr (2007) afirma que o historiador está condenado a nunca aportar em porto seguro. Ao narrar, ele, como o tecelão, relaciona, põe em contato, entrelaça linhas de diferentes cores, eventos de diferentes características, para que, ao final, construa um

---

77 Nesse aspecto, acrescentem-se às obras citadas nesse trabalho as de Claude Lévi-Strauss (1989) e Michel Foucault (1984).

desenho bem ordenado. “Tecer, costurar, bordar, escrever, como qualquer evento humano, por mais comezinho que seja, põe em relação a matéria e a ideia, a concepção ideal e o trabalho, a mão e a cabeça, o projeto e a ação, a natureza e a cultura, a coisa e a palavra.” (p.32)

É nessa ótica que a história será percebida nesta pesquisa: como um conhecimento que busca a verdade, mas reconhece a importância do acaso, das contingências, das fragilidades impostas pela condição humana. O conhecimento é uma ficção, uma criação feita a partir de múltiplos olhares, uma “navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas” (MORIN, 2006b, p.86), resolvi eleger a *memória* e a *narrativa* como as principais fontes para a pesquisa que proponho realizar nesta pesquisa.

## NARRADORES DE SÃO RAFAEL

Para Benjamim (1994), a narrativa é uma transmissão de experiências e tem um caráter utilitário. O dom do narrador é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. Ele não está interessado em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou relatório, pois “*se exprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.*” (p.205. Grifo meu)

A narração só é possível graças às informações conservadas na memória. Para Jacques Le Goff (1996), “o estudo da memória é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.” Para ele, o controle da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.” (p.426)

A atividade da memória é de grande valor para a demarcação de identidades individual, familiar ou de grupo e este se expressa na forma como

as pessoas narram suas histórias de vida. As lembranças individuais são resultados da influência de uma situação presente. Assim, o ato de lembrar não significa reviver, mas a reconstrução do que foi vivido no passado utilizando eventos do presente, tais como imagens e ideias. A lembrança é reconstruída a partir das práticas sociais e representações do presente. Seja qual for a alteração sofrida pelo ambiente e conseqüentemente pelo sujeito esta acarreta uma transformação na memória. Quando lembramos é porque os outros e a situação presente nos fazem lembrar. Em síntese: lembrar é refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado.

A capacidade de reconstruir um fato faz da narrativa um importante instrumento para a superação de uma situação traumática, como a que viveram os moradores de São Rafael há duas décadas. Os relatos autobiográficos são importantes estratégias promotoras de resiliência<sup>78</sup>. A oralidade dá ao indivíduo a oportunidade para a representação de si e do outro. Para Cyrulnik (2005, p.103), “todo real é uma coerção: é sempre necessário levar em conta o mundo dos outros”. É através do verbo que o homem encanta, enfeitiça, cativa, seduz o outro, proporciona um *estar-com*.

Através da fala, dos relatos de si, o homem ressignifica o seu passado, dá-lhe uma nova roupagem, representa, eleva-se. Conforme Cyrulnik (2006, p.21), “o surgimento da fala provoca a derrota das coisas. Vitoriosas num primeiro momento, elas se impõem em nossa memória, mas, assim que nos tornamos capazes de fabricar símbolos, de formular um objeto que representa o outro, nosso mundo íntimo pode por pensamentos no lugar de coisas.”

A memória expressa através da fala trata de “esquecer” determinados eventos traumáticos e de ressaltar outros com novas tintas. A fala oportuniza ao sujeito a possibilidade de transformar o seu mundo, no momento em que lhe atribui um novo sentido. De porte dessa capacidade, ele passará a socializar o

---

78 O termo é originário da Física e está relacionado à capacidade que alguns materiais têm de suportar tensão sem se deformar permanentemente. O conceito migrou para outras áreas do saber, como a psicologia, a educação e a administração. São resilientes aqueles sujeitos que, mesmo tendo sofrido fortes adversidades, ao ponto de marcar-lhes para sempre, foram capazes de resistir, de retomar o seu desenvolvimento ou, como se diz popularmente, de “dar a volta por cima”.

seu trauma e a metamorfosear seu sofrimento através de uma reelaboração do fato.

Como afirma Cyrulnik (2004), ao fazermos um relato, procuramos em nossa memória imagens e emoções com as quais fazemos uma representação verbal, o que significa dizer que um relato é necessariamente quimérico, haja vista que não podemos colocar tudo na memória. “Todos nós somos obrigados a compor para nós uma quimera de nosso passado na qual acreditamos com um sentimento de evidência”, diz o autor. (p.10)

Um trabalho de resiliência não é realizado sem que haja um esclarecimento do mundo e uma atribuição de coerência. Como não podemos contar uma história a partir do nada, necessitamos ser sensíveis a fragmentos do real e transformá-los em lembranças, associados e recompostos em encadeamentos temporais lógicos. Esse trabalho psíquico é dirigido a alguém que nos afete, isso indica que, mesmo na narrativa mais simples, cada personagem é coautor da narração. Assim, como compartilhar um sofrimento é sofrer uma segunda vez, por que não selecionar as palavras, reorganizar as lembranças, remanejar as imagens? Por que não transformar o “era uma vez” em uma promessa de felicidade?

A tendência a relatar para nós mesmos o que nos aconteceu constitui um fator de resiliência com a condição de dar sentido ao que ocorreu e a remanejá-lo afetivamente. O relato que o traumatizado faz de si, do que viveu, e o quadro que pinta da felicidade esperada, introduz, no seu interior, um mundo que não existe, que não lhe está presente, mas que, no entanto, sente intensamente. O trabalho de rememoração protege-o, ajuda-o a encontrar uma regra que, no futuro, lhe permita controlar sua existência. Portanto, ao relatar um fato, o narrador refaz o discurso para lhe dar um sentido, uma coerência, um aprendizado, um projeto de futuro, o que nos permite dizer que não há num relato uma fronteira entre o passado, o presente e um projeto de futuro.

A intersubjetividade que se fará presente numa entrevista – durante a qual um sujeito narra sua experiência de vida – pode vir a ser um excelente mecanismo de aquisição de resiliência por parte deste, pois, como diz Cyrulnik

em *Falar de amor à beira do abismo*, “o amor pelos porquês é um precioso fator de resiliência, permite tecer novamente as primeiras malhas do laço desfeito.” (p.11) Nessa perspectiva, pode-se dizer que quando estamos realizando uma entrevista aberta numa pesquisa, por exemplo, longe de haver uma separação entre os interlocutores, entre o “sujeito” e o “objeto”, como pretende a ciência clássica, haverá uma relação de coautoria do discurso. Esse momento pode ser uma oportunidade encontrada pelo entrevistado para elevar sua autoestima.

Essa intersubjetividade vai ao encontro da perspectiva teórico-metodológica da *complexidade*, a qual percebe a realidade de forma complexa, dinâmica, não-linear, descontínua, imprevisível, multidimensional e construída pela interrelação sujeito/objeto. (MORAES e VALENTE, 2008, p.19-20) A realidade é constituída de processos *globais, integradores, não-lineares e autoeco-organizadores*, na qual as modificações que acontecem em um dos seus elementos provocam também alterações nos demais elos da rede.

Não ambiciono produzir um trabalho onde ocorra uma separação entre o sujeito que pesquisa e o objeto investigado, haja vista que, no meu entender, isso não é possível. Como afirma Morin (2005a, p.26): “[...] O sujeito que desaparece do seu discurso se instala na verdade na Torre de Controle. Fingindo deixar lugar ao sol copernicano, ele reconstitui um sistema ptolomaico no qual seu espírito é o centro.” Nesse trabalho, o objeto, por ser humano, também será visto como sujeito. Isso quer dizer que não eliminarei o caráter intersubjetivo presente nas relações que com certeza se fará presente nos contatos, nas entrevistas.

Não serão estabelecidos limites rígidos quanto à dicotomia subjetividade/objetividade do conhecimento. Prefiro seguir a experiência de Bosi (2007, p.38) nas suas entrevistas com pessoas idosas: “[...] fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças.”

Na construção do conhecimento, a realidade manifesta-se a partir do que somos capazes de ver, de perceber, de interpretar, de construir, de desconstruir e reconstruir. O observador está sempre enredado em suas próprias metanarrativas, pelo fato de objetividade e subjetividade não serem mutuamente excludentes, mas complementares, produtos de uma recursividade natural, na qual o que acontece com um influencia a conduta do outro. (MORAES; VALENTE, 2008, p.24)

Todo processo de pesquisa depende de um método que oriente o caminho para o pesquisador. O sujeito que investiga depende de estratégias de ação, de procedimentos adaptáveis à realidade e que auxiliam na organização do pensamento e das atividades para o alcance dos objetivos propostos. É o método que o ajuda a reconhecer a validade ou não dos procedimentos ou das estratégias adotadas. No entanto, é importante ressaltar que o “método” foi transformado pela ciência clássica em *metodologia*, um guia *a priori* que programam as investigações, um *corpus* de receitas, de aplicações quase mecânicas, que exclui o sujeito de seu exercício. (MORIN, 2005b, p.335)

O método é visto nessa pesquisa como uma estratégia de ação aberta, adaptativa e evolutiva do conhecimento, *um caminho que se descobre ao caminhar*, construído passo a passo e sujeito a bifurcações, retroações, desvios e recursões. Um método mais de acordo com a dinâmica da vida, que não mais considere a realidade como imutável, estável ou fixa, que reivindique procedimentos flexíveis, dinâmicos, passíveis de revisões e abertos permanentemente ao inesperado, ao acaso, à emergência, à intuição, à imaginação e à criatividade. Enfim, um método que não despreze a subjetividade, a afetividade, nem as considere como fontes de erro, que não seja um roteiro fixo, que perceba a realidade como algo previsível ou controlada por um pesquisador. (MORAES e VALENTE, 2008, p.53-54)

Na pesquisa, que pretendo desenvolver em São Rafael, usarei *entrevistas abertas*, sem questões postas, de longa duração, as quais serão renovadas até um *aprofundamento* suficiente. Essa prática se dará com o auxílio da *observação* e das *técnicas de registro* que a tecnologia nos

disponibiliza: gravador, câmera fotográfica, filmadora. A pesquisa aprofundada fará emergir a personalidade, as necessidades, a concepção de vida dos entrevistados. Essas entrevistas em profundidade permitirão entender não apenas o que há em comum nas concepções de mundo dos diversos migrantes da antiga São Rafael, mas ainda as dessemelhanças quanto às interpretações que eles dão sobre si mesmos e sobre as suas condições de vida.

O êxito na pesquisa depende da simpatia na relação entre o sujeito e o objeto, este o sujeito pesquisado. A entrevista não deve ser percebida apenas como um meio de adquirir informações. O processo psicoafetivo ligado à comunicação é que pode ser o mais importante. Nesse sentido, para Morin, a arte da pesquisa “[...] está em enriquecer dialeticamente participação e objetivação. Não pretendemos que o conseguimos, pretendemos que é preciso tentar consegui-lo. Assim, à dupla natureza do pesquisado, sujeito e objeto, deve responder um duplo *eu* do pesquisador.” (1984, p.139)

Outro desafio que enfrentarei é quanto ao número de entrevistados. Centenas de famílias se estabeleceram na nova São Rafael. A mudança para a nova cidade não é um fato longe no tempo: ocorreu há pouco mais de duas décadas. Dessa forma, excetuando alguns são-rafaelenses que já faleceram ou que migraram para outros municípios, ainda existe um número relativamente alto de pessoas que residem ali. Daí a necessidade de se construir uma *amostra* durante a pesquisa. Para tanto, tomarei como base aquele usado na pesquisa desenvolvida por Morin em Plozévet: o critério da *significatividade máxima*, ao contrário da *representatividade média*.

Bosi (2003) alerta para o fato de que “a memória é um cabedal infinito que só registramos um fragmento.” Assim, defende a possibilidade de reconstruir um fato através desse método, pois, “qual a versão de um fato é verdadeira? Nós estávamos e sempre estaremos ausentes dele. Não temos, pois, o direito de refutar um fato contado pelo memorialista, como se ele estivesse no banco dos réus para dizer a verdade, somente a verdade. Ele, como todos nós, conta a *sua* verdade.” (2003, p.65, grifo da autora)



Portanto, nenhuma das fontes será considerada mais verdadeira nem completa que a outra. As duas apresentam lacunas, incoerências, palavras obliteradas. A ênfase que será dada à entrevista em profundidade, às narrativas de vida, deve-se ao fato de considerar urgente um outro olhar, uma outra leitura do fenômeno além daquela consolidada pela fontes oficiais, acadêmicas, “científicas”.

A perspectiva da história de vida nesse trabalho far-se-á através de um método específico: a *história oral*, na qual a construção do conhecimento tem como referência não apenas os documentos escritos, mas a participação e o ponto de vista dos sujeitos envolvidos nos eventos e contextos históricos. A história oral permitirá o conhecimento da realidade presente e o passado ainda próximo pela experiência e pela voz daqueles que o viveram. O método da história oral não visa apenas à ampliação dos conhecimentos e informações, mas também conhecer a versão dos agentes. Sua peculiaridade está em recuperar o vivido conforme concebido por quem viveu. É por isso que ela não está divorciada das biografias e da memória.

Face ao exposto, esta pesquisa perseguirá a tese de que há uma relação indissociável entre memória, narrativa de vida, história oral e resiliência. Isto porque, quando um sujeito se dispõe a contar a sua vida, a caminhar pelo nevoeiro das suas memórias, a narrativa servirá de um poderoso farol de neblina para a interpretação de um acontecimento, para a atribuição de significados a um mundo que foi perturbado. Os relatos autobiográficos darão ordem ao caos e possibilitarão uma autoeco-organização do sujeito. Ele encontrará nesses relatos o instrumento pelo qual vencerá o seu destino. Anunciará no seu discurso o que foi da ordem do fracasso e da necrose, mas fará de sua fala a estratégia para uma nova trajetória que lhe proporcionará um novo fluxo de vida. Histórias de vida e resiliência são fios que se inter cruzam numa grande tela.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **História: a arte de inventar o passado.** Bauru-SP: Edusc, 2007.

ALMEIDA, Maria da Conceição. As artes de uma nova ciência. In: \_\_\_\_\_; KNOBB, Margarida; ALMEIDA, Angela M. (Orgs.) **Polifônicas idéias: por uma ciência aberta.** Porto Alegre: Sulina, 2003. p.31-35.

\_\_\_\_\_. **Um itinerário do pensamento de Edgar Morin.** São Leopoldo-RS: Unisinos, Cadernos IHU Idéias, v.2, n.18, 2004.

\_\_\_\_\_. Narrativas de uma ciência da inteireza. In: SOUZA, Elizeu C. (Org.) **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p.287-298.

\_\_\_\_\_. PEREIRA, Wani F. **Lagoa do Piató: fragmentos de uma história.** 2 ed. Natal: EDUFRN, 2006.

ARQUEOLOGIA Potiguar – São Rafael. Núcleo de Estudos Arqueológicos (UERN)/TCM. Mossoró, 2007. DVD.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BONETI, Lindomar W. **O silêncio das águas: políticas públicas, meio ambiente e exclusão social.** 2 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 14 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CARVALHO, Jô (coord.). **São Rafael: memória de uma cidade submersa.** Natal: EDUFRN, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. O murmúrio dos fantasmas. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. Falar de amor à beira do abismo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COSTA, Rafael Arcanjo da. **Poética veia profética.** IN. COSTA, Djalmar A. *et all.* (Orgs.) Costa. Natal: Líder Gráfica e Editora, 1998.

ESTÉS, Clarissa P. **O dom da História: uma fábula sobre o que é suficiente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FERNANDES, Ana A. **Autoritarismo e resistência no Baixo-Açu.** Natal: CCHLA, 1992.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** 4 ed. Rio de Janeiro, 1984. p.15-37.

- GOMES DA SILVA, Aldenor. **A parceria na agricultura irrigada no Baixo-Açu**. Natal: CCHLA, 1992.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 3 ed. Campinas-SP: Papirus, 1989.
- MORAES, Maria C.; VALENTE, José A. **Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade?** São Paulo: Paulus, 2008.
- MORAES, Maria C. **Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação**. São Paulo: Antakarana; WHH, 2008.
- MORIN, Edgar. **Sociologia**. Portugal: Publicações Europa-América, 1984.
- \_\_\_\_\_. **O Método 1: A natureza da natureza**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2005a.
- \_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005b.
- \_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006a.
- \_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11 ed. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: UNESCO, 2006b.
- NARRADORES de Javé. Eliane Caffé, Brasil, 2003. DVD.
- PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, razão e paixão**. 2 ed. CARVALHO, Edgar de A.; ALMEIDA, Maria da Conceição de. Belém: EDUEPA, 2009.
- VALENCIO, Norma F. **Grandes projetos hídricos no Nordeste: suas implicações para a agricultura do semi-árido**. Natal: Editora da UFRN, 1995.
- VARGAS, Nazira A. **História que o povo conta: opressão e sobrevivência**. Recife-PE: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1987a.
- \_\_\_\_\_. **Beiradeiros do Baixo-Açu: canto e lamento de Rafael Arcanjo da Costa**. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1987b.
- \_\_\_\_\_. **Barragens: o clamor dos beiradeiros**. 1991. 770f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 4 ed. Brasília: Ed. da UNB, 2008.